

## Visão Linguística no Campo da Surdez: CODA em Foco

### **Karla Karina Abrantes Rêgo**

Mestrado em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba  
Tradutora, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil  
[karla.rego@servidor.uepb.edu.br](mailto:karla.rego@servidor.uepb.edu.br) <https://orcid.org/0000-0002-0953-045X>

### **Lidiane Cristina Coelho**

Graduação em Letras e Libras, Universidade Federal do Paraná  
Discente, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil  
[coelholidiane2012@gmail.com](mailto:coelholidiane2012@gmail.com) <https://orcid.org/0000-006-7266-3286>

### **Juscelino Francisco do Nascimento**

Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília  
Docente, Universidade Federal do Piauí, Picos, PI, Brasil  
[juscelino@ufpi.edu.br](mailto:juscelino@ufpi.edu.br) <https://orcid.org/0000-0001-7090-2876>

### **Resumo**

A linguagem é a capacidade que os indivíduos têm para se comunicar, produzir e compreender sua língua, conjuntamente com suas manifestações culturais e identidade. É no ambiente familiar que ocorrem os primeiros passos para a aquisição da linguagem, em meio à interação com os pais e no contato com a sociedade. Nesse contexto, deparamo-nos com um desafio diante da aquisição da linguagem para crianças Coda (*Children of Deaf Adults*), que pode ocasionar problemas cognitivos, interacionais e linguísticos na infância. Esse artigo tem como objeto de estudo a aquisição da linguagem mediante as relações familiares para um Coda. Nesse prisma, temos por objetivo analisar o desenvolvimento linguístico-comunicativo das crianças ouvintes com pais surdos e suas influências na formação da identidade. Como embasamento teórico, utilizamos os pressupostos de Quadros (1997), Gesser (2012) e Pereira (2013), dentre outros que compartilham do pensamento de sujeitos que estão naturalmente expostos a dois mundos diferenciados: o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. Quanto à metodologia, esse estudo é qualitativo e, para a geração de dados, foi feita uma pesquisa exploratória, com base em Gil (2002) e Bortoni-Ricardo (2008), e uma entrevista. Em meio às análises, observamos as relações sociais, culturais e familiares de 4 participantes como sujeitos pertencentes a uma sociedade que ainda desperta para a inclusão.

*Palavras-chaves:* CODA; Relações Sociais; Aquisição da Linguagem.

## Abstract

Language is the ability that individuals have to communicate, produce and understand their language, together with their cultural manifestations and identity. It is in the family environment that the first steps towards language acquisition occur, through interaction with parents and contact with society. In this context, we are faced with a challenge in the acquisition of language for Coda children (Children of Deaf Adults), which can cause cognitive, interactional and linguistic problems in childhood. This article has as its object of study the acquisition of language through family relationships for a Coda. From this perspective, we aim to analyse the linguistic-communicative development of hearing children with deaf parents and its influences on identity formation. As a theoretical basis, we use the assumptions of Quadros (1997), Gesser (2012) and Pereira (2013), among others who share the thoughts of subjects who are naturally exposed to two different worlds: the world of the deaf and the world of the hearing. As for the methodology, this study is qualitative and, to generate data, an exploratory research was carried out, based on Gil (2002) and Bortoni-Ricardo (2008), and an interview. In the midst of the analyses, we observed the social, cultural and family relationships of 4 participants as subjects belonging to a society that is still awakening to inclusion.

*Keywords:* CODA; Social Relations; Language Acquisition.

## Introdução

A vivência do surdo em relação à aquisição da linguagem inicia-se desde o nascimento, por meio dos seus sentidos, com exceção da audição, quando ele visualiza o ambiente onde vive, de modo a entender o que está ao seu redor. Por isso, dizemos que a Libras é uma língua visual-espacial que, por meio das mãos e das expressões corporais e faciais produz enunciados no espaço da sinalização, embora ainda seja, muitas vezes, confundida com mímica ou gestos, algo natural da comunicação.

O Coda<sup>1</sup> nasce e relaciona-se em meio familiar com seus pais surdos. De acordo com Quadros e Massutti (2007), existe uma percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas que atravessam por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcados por tensões em zonas fronteiriças de contato, marcadas pelo universo surdo e pelo universo ouvinte.

Considerando os pontos elencados, houve o interesse em desenvolver essa pesquisa com base na seguinte questão norteadora: como decorre o desenvolvimento linguístico e a construção de uma identidade para o Coda na interface de duas culturas?

---

<sup>1</sup> A sigla CODA (*Children of Deaf Adults*) é utilizada também no Brasil para nomear os filhos ouvintes de pais surdos.

Esta investigação tem como objetivo analisar o desenvolvimento linguístico e identitário do Coda perante sua convivência em um ambiente em que prevalecem duas culturas: a surda e a ouvinte. Como relevância desse estudo, destacamos aspectos de magnitude cultural e social que compõem a identidade do sujeito e a constituição da subjetividade na mudança de hábitos e conhecimento.

Quanto à metodologia, a pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa, que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto, além de buscar, nas entrelinhas, as informações da rotina dos pesquisados. Em relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, que busca “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41). Para a geração de dados, foi feita uma entrevista com 9 questões objetivas e subjetivas para Codas nos municípios de Campina Grande – PB e de Teresina – PI.

Ao final da pesquisa, buscamos contribuir com considerações sobre o Coda, para que a sociedade possa compreender como se dá a construção de uma identidade de quem convive com a Língua Portuguesa – por serem ouvintes – e pela língua de herança – a Libras, diretamente relacionada à convivência no seu ambiente familiar com seus pais.

## O Coda no Universo Surdo

Pelo fato de o sujeito ouvinte estar inserido na comunidade surda no seu ambiente familiar por seus pais serem surdos, torna-se essencial refletirmos sobre características e conceitos de surdez, cultura e identidade Coda. Nesse ínterim, é necessário iniciarmos por algumas particularidades históricas da comunidade surda, já que, conforme Moura (2000, p. 15), “[...] esta história reflete uma realidade social, política, histórica que também vai se refletir na história do surdo através dos tempos”.

O termo Coda foi oficializado em 1983, de acordo com Mataruco (2019), por um estudante de pós-graduação da Universidade de Gallaudet, em Washington, nos Estados Unidos, conhecido por Ray Williams, que, por meio de uma pesquisa, constatou que aproximadamente 90% das crianças nascidas com pais surdos nasciam ouvindo e esse pesquisador era um deles. A partir de então, organizou um grupo que passou a sugerir o

termo Coda para os filhos ouvintes de pais surdos, propondo uma organização para discutir as experiências pessoais vivenciadas com seus familiares.

No Brasil, grupos de Coda passaram a se reunir por volta do ano de 2011, a fim de compartilhar experiências e dificuldades diante dos desafios familiares. Mataruco (2019) relata que, em 2015, em Porto Alegre – RS, foi oficializada a Organização Coda Brasil. Já em 2018, no Rio de Janeiro, ocorreu o IV Encontro de Coda, com o tema “Imaginário CODA: Nós e o País das Maravilhas”. Todos esses encontros tiveram como propósito estabelecer uma interação entre Coda de todas as partes do país.

Conforme os organizadores, na fase da infância os Coda têm o contato com os surdos porque os acompanham em reuniões nas associações de surdos; e, ao crescerem, participam de eventos voltados a esse público e encontram outros Coda para compartilhar experiências.

A criança passa a perceber que seus pais não ouvem a partir do momento que falam, gritam e não há retorno de resposta. Assim, passam a gesticular com as mãos e jogar objetos para chamar atenção, por exemplo. Com o transcorrer do tempo, buscam estratégias para se comunicarem com seus pais. Neste contexto, observamos, abaixo, o relato de Pereira (2013, p. 108) sobre a convivência com os pais surdos:

Enfim, ser filho de pais surdos pode ser bem diferente de ser filho de pais ouvintes, mas não significa ser melhor ou pior. Haverá diferenças no aprendizado de uma língua pois um será bilingue e o outro não. Um terá que servir de intérprete em algumas ocasiões e o outro não. Porém, o Coda não será impedido de brincar, de estudar, de desenvolver-se normalmente. O lado bom será o convívio desde certo com a diferença e como saber lidar com ela.

Todos nós temos histórias e experiências de vida diferenciadas, formações e educação diferentes em meio a um contexto variado de socialização, mas temos a mesma necessidade de sermos ouvidos e respeitados no nosso ambiente familiar, que está em uma sociedade que ainda precisa conhecer a cultura surda.

Para Quadros e Massutti (2017, p. 248), o sujeito Coda – com seus pais surdos e sendo ouvinte – passa a herdar a língua de sinais e a cultura surda:

Codas estão, permanentemente, vivendo entre fronteiras da língua, do idioma e da cultura. Suas sensações e experiências com o corpo das línguas orais e visuais remetem para o caráter tenso de ter que suportar o peso da idiomaticidade de duas línguas que são irredutíveis uma à outra e de dois mundos culturais que apresentam uma forte assimetria em suas relações de poder.

Percebe-se que o Coda está imerso em dois mundos com valores, culturas, normas e línguas diferenciadas. Com isso, conforme Skliar e Quadros (2000), o filho ouvinte de pais surdos pode passar por crises de identidade, pois é necessário o entendimento entre ser surdo com o ponto de vista surdo e ser ouvinte com o ponto de vista ouvinte.

Geralmente, esse sujeito tende a ser bilíngue e bicultural, com fluências e vivência na Libras e na Língua Portuguesa. Nesse sentido, para Quadros (2017), é frequentemente normal que o Coda exerça a função mediadora entre os pais surdos e a cultura ouvinte. Diante desse contexto, esses filhos tornam-se intérpretes dos pais, mesmo sem saber as técnicas de comunicação dos profissionais, mas exercem isso como forma de inseri-los na comunidade ouvinte. De acordo com Quadros (2017, p. 206):

[...] ao acompanhar a mãe em uma consulta médica, Andréa não está como interprete, mas como filha. Ela procura compreender o que o médico está dizendo e conversa com a mãe sobre o que está sendo dito. Às vezes, nesses contextos, omite algumas coisas que possam comprometer o estado emocional dela. É diferente de quando está atuando profissionalmente como intérprete...

Existe certa transitividade entre uma língua e outra, com esse filho desempenhando funções diversas em ambientes diferentes. Diante desse contexto, ao associar a diversidade familiar à diversidade de identidades, torna-se viável pensar como a surdez pode dar significado na formação desse indivíduo ouvinte filho de pais surdos.

Para Quadros e Massutti (2007, p. 248), “sinalizar e falar são processos distintos que remetem à questão da responsabilidade da tradução e à responsabilidade de não tornar homogêneo o que é naturalmente tenso”, ou seja, não é apenas uma questão de interpretação de duas línguas, mas da visão de duas culturas diferentes.

Com o desenvolvimento linguístico desde a infância no bilinguismo, o Coda passa a herdar a língua e a cultura surda ao mesmo tempo que herda a língua e a cultura ouvinte. Stiechen e Krause-Lemke (2013) afirmam que um dos pontos mais impactantes

na vida dos Coda é o fato de herdarem a língua de sinais e, conseqüentemente, a cultura surda, mesmo sendo ouvintes. Com a convivência, ele aprenderá, naturalmente, a língua de sinais e adquirirá a cultura surda com os pais. Nessa esteira, Skliar e Quadros (2000, p. 44) afirmam:

Os surdos adultos fazem parte da vida dos filhos ouvintes de pais surdos desde os seus nascimentos. Essas crianças crescem interagindo socialmente com surdos e adquirem a língua de sinais de forma natural e espontânea. As identidades dessas crianças desenvolvem-se em meio a surdos adultos e, também, a ouvintes adultos. Aí se reflete a contradição na formação da identidade desses "ouvintes": ao mesmo tempo que essas crianças desenvolvem experiências essencialmente visuais, desenvolvem experiências auditivas.

O processo comunicativo, diante da citação exposta, nos faz refletir em torno da aquisição da linguagem dos pais em relação aos filhos ouvintes, mediante os diálogos feitos no ambiente familiar, atuando como zonas de contato entre fronteiras da língua e da cultura.

Nesse prisma, pode-se dizer que é na família que o sujeito recebe as primeiras orientações em relação aos padrões socialmente estabelecidos, as relações sociais e a internalização de valores. Com isso, pensa-se na construção dessa identidade decorrente das relações familiares, um processo de construção determinado pelas suas experiências e sentimentos envolvidos nessa relação familiar, também construídas das experiências sociais e culturais de seus pais, agregadas à das pessoas que estão à sua volta, um fato complexo, ou seja, a vivência de indivíduo em torno de dois mundos diversos, como destacam Quadros e Masutti (2007, p. 263- 264):

[...] Os codas encontram na comunidade surda o espaço de segurança, o porto seguro para viver a intensidade de uma língua constituída no corpo e na forma de olhar. Libras é o reencontro e o conforto de uma segurança de volta à casa paterna, a "safe house"; o português, em contrapartida, é a língua do colonizador, a necessidade da zona fronteira de contato, que impõe espaços de negociação, e a revisão permanente do encontro com o outro ouvinte, que faz parte também do ser coda. Então, faz-se necessário estar na zona de contato, nas fronteiras, nas margens que se constroem nas linhas de diferença. Torna-se fundamental construir espaços de negociação para um coda sobreviver nesse contexto. A negociação é um espaço de tensão constante na vida do coda nas relações com os outros surdos e outros ouvintes.

Essa relação entre os dois mundos – o ouvinte e o surdo – leva esse sujeito à sua subjetividade, desenvolvendo, de maneira complexa, sua aquisição da linguagem, formadora de sua identidade. Para Pollock e Van Reken (2001), não se pode esquecer que os Cudas têm sua vida e personalidade própria mesmo transitando de uma língua para a outra. Ressaltamos que sempre haverá uma língua de herança, em outras palavras, uma língua que é herdada e que se apresenta, geralmente, como um patrimônio linguístico-cultural transmitido de geração em geração e, principalmente, carregado de sentimentos, de registros familiares e de identidade, como descreve Quadros (2017, p. 7):

[...] línguas que, em um contexto sociocultural, são dominantes diferentes da usada na comunidade em geral. A palavra “herança” remete à ideia de tradição herdada, assim como a ideia de patrimônio, que remete à relação familiar. As línguas que a pessoa adquire em casa com seus pais, diferentes da língua usada de forma massiva no país, configuram línguas de herança. Isso é o que normalmente acontece com as famílias imigrantes e de indígenas. Os pais que ainda preservam sua língua nativa e a usam em casa passam a sua língua para seus filhos, embora essa língua não seja falada por outras pessoas na comunidade onde estejam inseridos.

A família é o grupo primário de socialização da criança. É nela que se herda sua língua, costumes, tradições, por meio dos valores transmitidos e das regras que vigoram na sociedade em que se encontra inserida em seu núcleo familiar. Em seguida, vem o ambiente escolar, no qual a criança terá experiências com a Língua Portuguesa, adquirindo a fluência na sua oralidade concomitantemente com a língua de sinais. Nessa fase escolar, o processo de aquisição da linguagem vem também de professores e colegas de sala de aula, primordiais na construção do conhecimento e com a interação da comunidade surda e ouvinte.

Nesse contexto educacional, também nos deparamos com situações emblemáticas em relação aos pais de crianças Coda, já que, geralmente, não há informações sobre o desempenho dos seus filhos pelos professores, pois o profissional alega não estar preparado para interagir com esses pais, criando, assim, um abismo entre o mundo escolar e o contexto familiar. Bezerra e Mateus (2017, p. 459) afirmam que:

[...] é notável que a escola não informara, formalmente, aos professores que receberiam uma criança cujos pais são surdos, o que pôs em xeque a importância e efetividade da comunicação entre pais e professores, bem como a interação dos pais com a direção e coordenação e desta com os docentes. A perspectiva de educação inclusiva ficou comprometida no processo de inclusão escolar da criança Coda, pois, conforme as falas de Anne, instaurou-se uma situação “traumática”, “constrangedora” e até “torturante” para a escola, para o aluno e seus familiares, haja vista a ausência de diálogo entre as partes.

Desse modo, percebemos a invisibilidade desses familiares no ambiente escolar, sobretudo porque não há o reconhecimento do bilinguismo e das necessidades culturais, o que causa um impacto na comunicação entre professores e pais surdos. Na escrita, por exemplo, muitas vezes o aluno traz traços da língua de sinais para a Língua Portuguesa, acarretando algumas situações em que o docente percebe que o aluno pode estar com dificuldades na aprendizagem, mas, na realidade, se faz presente na zona fronteira de contato, que, de acordo com Quadros (2007), trata-se de um ambiente que perpassa pela Libras e pela Língua Portuguesa simultaneamente.

Em vista disso, verificamos, na nossa legislação, que o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 assegura ao surdo:

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto no 5.296, de 2004.

Embora esteja em vigência há quase 20 anos, continuamos a nos deparar com o seu não cumprimento integral, assim como despreparo das instituições, servidores, educadores e funcionários no atendimento ao surdo. Nesse viés, o Coda continua sendo a dependência de seus familiares em todas as localidades por onde transita, tornando-se “intérpretes” para que possam ter suas necessidades atendidas.

## Metodologia

Neste trabalho, buscamos, por meio de uma pesquisa qualitativa, analisar o nível de entendimento do Coda em relação a sua biculturalidade e bilinguismo, por meio de uma entrevista semiestruturada, observando como interagem no seu ambiente familiar com seus pais surdos. Pais ouvintes com os filhos ouvintes são diferentes de pais surdos com filhos ouvintes, pois, no caso do Coda, eles estão imersos em um ambiente gestu-visual e também na cultura ouvinte.

Para Gil (2002, p. 19), o “[...] planejamento da pesquisa pode ser definido como o processo sistematizado mediante o qual se pode conferir maior eficiência à investigação para em determinado prazo alcançar o conjunto das metas estabelecidas”.

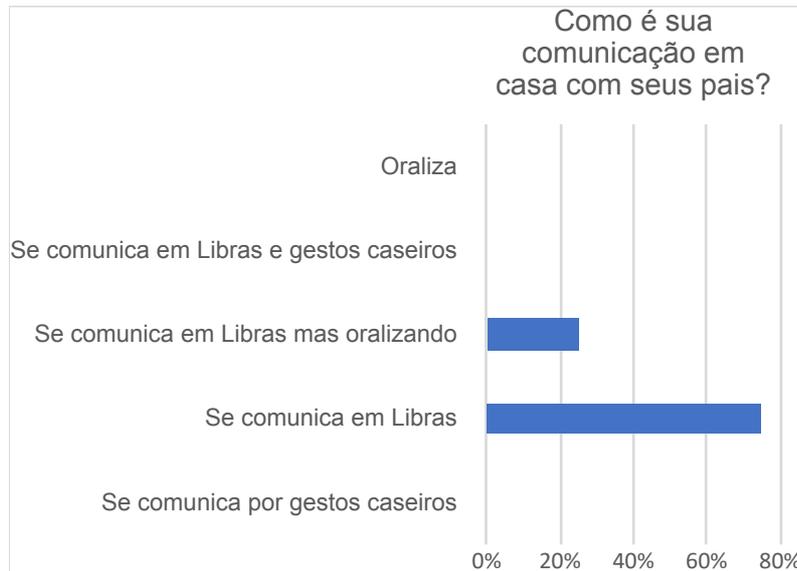
A entrevista contempla nove questões objetivas e subjetivas, encaminhadas pelo *WhatsApp*, ferramenta social que contempla a interação entre pesquisador e pesquisados, sendo o público-alvo formado por quatro Codas dos municípios de Campina Grande – PB e de Teresina – PI.

Com a entrevista, poderemos identificar as peculiaridades que envolvem os participantes da pesquisa. Como afirma Mazucato (2018), a realização de entrevista é importante para a angariação de dados e informações diretamente atreladas ao público investigado ou à população investigada.

Na observação dos dados, detalharemos e analisaremos cada questão. Para a questão de número 1, enfatizamos como se dá a comunicação do Coda com seus pais surdos; já na 2, procuramos saber se eles tiveram dificuldades na comunicação em casa com seus pais. Nessa etapa, obtivemos as seguintes respostas:

## Gráfico 01

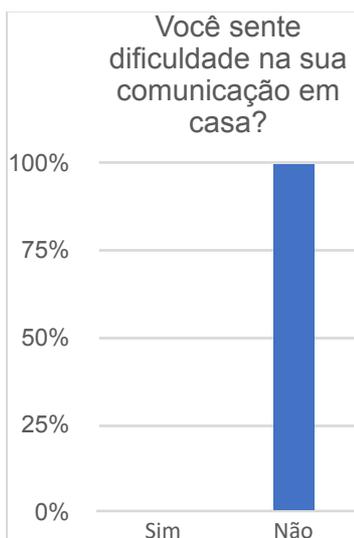
Questão 01 da entrevista



Fonte: Autores (2023)

## Gráfico 02

Questão 02 da entrevista

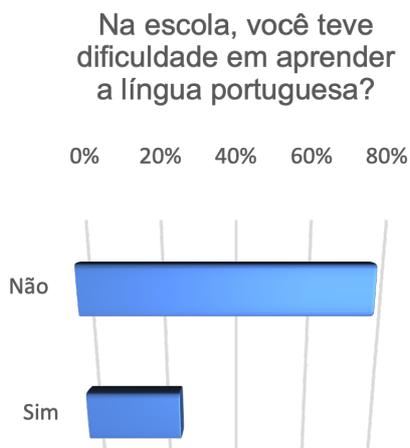


Fonte: Autores (2023)

Nas relações interpessoais com os seus pais, percebemos que a maior parte das famílias se comunica apenas em Libras, a língua dos seus pais; apenas 1 Coda respondeu que se comunica em Libras, mas oraliza. Complementando essa questão, temos a questão 2, na qual averiguamos que nenhum filho ouvinte tem dificuldade na comunicação em casa com seus pais, pois aprendem e vivenciam desde pequenos a língua de sinais. Vemos, assim, que a mediação linguística se dá no fato de que o Coda está imerso na cultura surda e se comunica em seus lares apenas por meio de uma língua visual- espacial. Na questão 3, indagamos sobre a aquisição da Língua Portuguesa na escola:

### Gráfico 03

Resultado da questão 03 da entrevista



Fonte: Autores (2023)

Como respostas da questão 3, um Coda respondeu que sim: “Para mim, até hoje sinto dificuldade na língua portuguesa. Quando criança, era tudo muito confuso viver esses dois mundos da Libras e Língua Portuguesa”. Para Quadros e Massutti (2007), essa zona de contato faz parte do cotidiano de um Coda, o qual tem suas línguas e culturas se cruzando por todo momento, uma experiência singular de percepção em relação ao ambiente que está ao seu redor.

Nas questões 4 e 5, tratamos da relação familiar no que diz respeito ao filho como um Tradutor e Intérprete de Libras para seus pais em torno dos ambientes onde se fazem presentes; e se convivem com outros surdos além de seus pais:

Coda 01: Eu não sou intérprete, mas ajudo meus pais para traduzir algumas coisas.

Coda 02: Ajudo na comunicação entre eles surdos e ouvintes, também trabalho como Tradutor Intérprete de Libras.

Coda 03: Hoje sim me considero tradutora e intérprete de Libras devido ao meu estudo a essa área, mas nascer Coda não garante sua competência tradutória, apesar da minha primeira língua ser Libras.

Coda 04: Sim, porque além de eu aprender, eu ensino e ajudo eles dentro de casa e acompanhando em qualquer lugar.

Na questão acima, a resposta foi unânime com um “Sim”: os filhos acabam sendo as pessoas responsáveis pela comunicação dos seus pais desde a infância e no decorrer das suas vidas devido à falta de acessibilidade da sociedade em que estão imersos, resultando em uma função de Tradutores e Intérpretes, uma profissão herdada a partir das experiências por serem filhos de pais surdos.

Na questão 5, sobre a convivência com outros surdos, obtivemos as respostas a seguir:

Coda 01: Alguns amigos surdos.

Coda 02: Da universidade.

Coda 03: Além dos meus pais também tenho cinco tios que são surdos.

Coda 04: Os amigos dos meus pais.

Ao verificarmos as respostas, vemos que todos os participantes, em seu ambiente de interação social, convivem com surdos, na universidade, na associação, amigos dos pais, além de terem familiares surdos na família, cada um em seu espaço diferente, mas envolvidos na comunidade surda, conhecendo o outro e experimentando situações únicas da cultura surda.

Na questão 6, pedimos que falassem sobre as dificuldades enfrentadas pelos seus pais na comunicação, na educação em casa, no diálogo com a escola:

Coda 01: Às vezes eu acabo esquecendo alguns sinais de Libras quando estou conversando com eles, e também quando tem plantão pedagógico na escola e não tem nenhum intérprete.

Coda 02: Quando eu era criança eu tinha que acompanhá-los em vários locais, estabelecimentos e consultórios por não terem tradutores e intérpretes nessas repartições. Eu criança tinha que passar mensagens que muitas vezes eu tinha bastante dificuldade de compreensão por minha idade, com isso sinto que tive que amadurecer bem rápido. Mas a Barreira Linguística é a maior dificuldade enfrentada por eles.

Coda 03: A comunicação foi a grande dificuldade, pois se sentiam perdidos nos lugares onde não tinha alguém que pudesse se comunicar com eles.

Coda 04: De sair sozinhos, interpretar uma coisa que não entende, pela internet e qualquer lugar.

Mediante esses relatos, destacamos a barreira linguística, a falta de acessibilidade nos espaços, que acarreta uma dependência dos seus filhos para qualquer ambiente para onde seus pais fossem, não havendo a distinção entre ser filho e ser intérprete, o que implicou, muitas vezes, a profissionalização desse filho na função de tradutor e intérprete.

Para reflexão, questionamos, na questão 7, se o participante se considera uma pessoa bilíngue devido ao ambiente em que convive com a cultura surda, com a Libras como língua para comunicação e a cultura ouvinte.

## Gráfico 04

Questão 07 da entrevista



Fonte: Autores (2023)

Como se vê, a maioria dos participantes considera-se bilíngue, mas ainda enfrentam barreiras, como afirma o Coda 02: “a falta de acesso às informações para a comunidade surda, também me sinto insegura em me expressar porque vem a mensagem em Libras e no português oralmente eu às vezes não encontro palavras para descrever”, ou seja, o fato da responsabilidade desde a infância na interpretação ocasiona momentos confusos no indivíduo, pois esse filho se torna o elo entre o mundo surdo e o ouvinte.

Continuando no relato da sua convivência familiar, nas questões 8 e 9 pedimos que os participantes relatassem sobre como é ser filho de pais surdos e quais recomendações nos dariam sobre como ser ouvintes filhos de pais surdos:

Coda 01: É praticamente normal. Às vezes esqueço alguns sinais em Libras quando estou conversando com eles, mas tirando isso é normal.

Coda 02: Ser filha de pais surdos pra mim é conviver entre dois mundos e com isso ter mais empatia e lutar pela comunidade surda. Nascer de pais surdos me fez enxergar o mundo de outra forma, com muito amor a gente vai vencendo as barreiras, convivendo diariamente, em um universo surdo. Acordar todos os dias e usar as mãos, expressar em Libras as emoções... palavras não descrevem tudo isso.

Coda 03: Ser filho de pais surdos é incrível, pra mim foi normal, a diferença é que meus pais são Surdos, mas isso não impediram eles de criarem os filhos. Fomos educados e amados por eles assim como outros pais ditos normais fazem com seus filhos; as barreiras que tivemos foi a questão da comunicação, não como filhos, mas com outras pessoas que não conheciam a Libras, as barreiras eram quebradas quando estávamos com eles, pois éramos a ponte da comunicação entre eles e os ouvintes nos locais que eles frequentavam, desde meus 3 anos de idade eu era a voz e ouvidos dos meus pais, assim até hoje continuo sendo quando há necessidade do meu auxílio na comunicação, hoje com meus 31 anos de idade atuo como intérprete de Libras Legislativo e educacional.

Coda 04: Acho que é muito difícil porque você tem que ficar interpretando uma coisa, ajudando e explicando, e a única diferença ali é que eles não escutam e nem falam, quem trabalha ali é a mão, eu acho muito difícil tenta entender uma coisa, mas é a realidade disso.

Relatos como esses nos fazem compreender a singularidade de serem filhos de pais surdos, pois, desde a infância, eles são a voz e os ouvidos de seus pais, vivem em duas culturas diferentes com regras e língua própria e, apesar de uma comunicação visual-espacial, criam seus filhos expressando seus sentimentos por meio da Libras.

Para concluirmos, apresentamos as respostas dadas à questão 9:

Coda 01: Que é sempre bom aprender Libras e muito importante, pois conseguimos compreender o que nossos pais falam, e ter uma comunicação melhor com pais e amigos surdos, e também entender que nós, filhos ouvintes, não podemos desprezar a Libras, pois ela também é importante.

Coda 02: Estudem, se aprofundem nesse caminho, com certeza essa missão de alma é importante para seu crescimento. Somos filhos de pais surdos com propósito.

Coda 03: Primeiramente é amar os pais, segundo ponto é saber entendê-los e conhecer a sua cultura surda, pois assim você vai saber se sobressair melhor em algumas situações. Terceira dica é que aprendam a Libras, e se aperfeiçoem, adquiram conhecimento na área, pois sem sombra de dúvidas isso será de grande valor para você. Último ponto é que estejam sempre ao lado deles para vencerem essas barreiras e preconceito. Juntos somos mais fortes!

Coda 04: Se dedicar mais e até mesmo ser inspirações para outras pessoas que querem aprender isso. Eu digo que procure aprender e pode até ser um intérprete.

Com as falas acima, concluímos as entrevistas com depoimentos emocionantes que relatam vivência, experiência com uma cultura diferente e que vai além dos aspectos linguísticos. Também está expressa a importância de saber a língua de sinais para que haja crescimento na convivência familiar e no futuro profissional, como Tradutor e

Intérprete, por exemplo, considerando suas relações, experiências, familiarização e proximidade com a cultura surda.

## Considerações Finais

É necessário que a nossa sociedade possa perceber e conhecer que o Coda não é uma pessoa com deficiência, mas, sim, um ouvinte filho de pais surdos. Esse termo, ainda desconhecido e desconsiderado no ambiente escolar, diz respeito a este indivíduo que convive com a cultura surda e a cultura ouvinte, em situações de bilinguismo.

A inclusão no nosso país ainda é algo a ser vislumbrado. Por essa razão, o Coda torna-se intérprete compulsoriamente da sua própria família, o elo entre os mundos surdo e ouvinte devido à ausência de acessibilidade, apesar de termos legislação que assegura o direito de atendimento em ambiente público.

Geralmente os professores ainda têm um olhar diferenciado para o Coda, não sabendo interagir com os pais surdos e esquecendo que aqueles são indivíduos bilíngues, que carecem de um olhar diferenciado.

Diante do que foi analisado, perceber contextos familiares diversos, mas tendo a tradução e interpretação fortalecida pelos filhos ouvintes na mediação de informações. Logo, o Coda não separa o mundo surdo do mundo ouvinte, mas passa a procurar soluções para conviver com seus pais nas situações do dia a dia, permeadas pela Língua Portuguesa em sua modalidade oral.

Ser Coda é viver em uma família com culturas diferentes, mas sempre aprendendo com as experiências cotidianas, onde valores, moral, ética e a língua são aprendidos nesse espaço que é base para o crescimento familiar.

## Referências

Bezerra, G. F., & Mateus, J. H. (2017). Reflexões sobre a escolarização de um aluno ouvinte filho de pais surdos: Uma discussão inicial sobre Cotas. *Revista em Ensino*, 24(2), 451-470.

Bortoni-Ricardo, S. M. (2008). *O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. Parábola Editorial.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projeto de pesquisa* (3ª ed.). Atlas.

Mataruco, L. L. F. (2019). *Da aquisição da linguagem à construção da identidade: Os desafios de ser filha de pais surdos*. Ribeirão Preto.

Mazucato, T. (Org.). (2018). *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. FUNEPE.

Moura, M. C. (2000). *O surdo: Caminhos para uma nova identidade*. Revinter.

Pereira, O. R. (2013). *Nascidos no Silêncio: As relações entre filhos ouvintes e pais surdos na Educação* (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo.

Pollock, D. C., & Van Reken, R. E. (2001). *Third culture kids: The experience of growing up among worlds*. Intercultural Press.

Quadros, R. M., & Pizzio, A. L. (2011). *Aquisição da Língua de Sinais*. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância.

Quadros, R. M. (2017). *Língua de Herança – Língua brasileira de sinais*. Penso.

Quadros, R. M., & Masutti, M. (2007). CODAs brasileiros: Libras e português em zonas de contato. In R. M. Quadros (Org.), *Estudos Surdos II* (pp. 245-270). Arara Azul.

Skliar, C., & Quadros, R. (2000). Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: Os ouvintes no mundo dos surdos. *Estilos Clínicos*, 5(9), 32-51.

Streiechen, E. M., & Krause-Lemke, C. (2013). A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda num contexto multilíngue. In *Anais do Seminário de Pesquisa do PPE* (pp. 1-19). Maringá.